



**UEPB**

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA  
CAMPUS I**

**CENTRO DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS E DA SAÚDE  
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO FÍSICA  
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR**

**VALESCA DANIELE DE ALMEIDA SANTANA**

**Análise da produção do conhecimento sobre o projeto Escola sem Partido e  
suas repercussões para a Educação Física**

**CAMPINA GRANDE  
2020**

VALESCA DANIELE DE ALMEIDA SANTANA

**Análise da produção do conhecimento sobre o projeto Escola sem Partido e suas repercussões para a Educação Física**

Trabalho de Conclusão de Curso (Artigo) apresentado ao Departamento de Educação Física da Universidade Estadual da Paraíba como requisito parcial à obtenção do título de Especialista em Educação Física escolar.

**Área de concentração:** Estudos pedagógicos na Educação Física Escolar.

**Orientador:** Prof. Ms. Jeimison de Araújo Macieira

**CAMPINA GRANDE  
2020**

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

S232a Santana, Valesca Daniele de Almeida.

Análise da produção do conhecimento sobre o projeto Escola sem Partido e suas repercussões para a Educação Física [manuscrito] / Valesca Daniele de Almeida Santana. - 2020.

27 p.

Digitado.

Monografia (Especialização em Educação Física Escolar) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Ciências Biológicas e da Saúde, 2021.

"Orientação : Prof. Me. Jeimison de Araújo Macieira, Coordenação do Curso de Especialização em Educação Física Escolar."

1. Escola sem Partido. 2. Educação Física. 3. Democracia.

I. Título

21. ed. CDD 613.7

VALESCA DANIELE DE ALMEIDA SANTANA

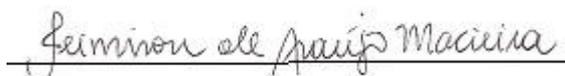
**Análise da produção do conhecimento sobre o projeto Escola sem Partido e suas repercussões para a Educação Física**

Trabalho de Conclusão de Curso (Artigo) apresentado ao Departamento de Educação Física da Universidade Estadual da Paraíba como requisito parcial à obtenção do título de Especialista em Educação Física escolar.

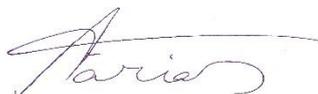
**Área de concentração:** Estudos pedagógicos na Educação Física Escolar.

Aprovada em: 03/12/2020.

**BANCA EXAMINADORA**



Prof. Ms. Jeimison de Araújo Macieira (Orientador)  
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



---

Prof. Dr. Álvaro Luiz Pessoa de Farias  
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



---

Prof. Me. Ivanildo Alcântara de Souza  
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

À Deus, por tudo, DEDICO.

“...Há pessoas que nunca se interrogam  
Sobre o que se avista do alto de uma montanha  
Ou Sobre se é possível lançar o Disco  
A 100 metros de distância.  
Essas pessoas nunca arriscam...  
Há pessoas que nunca tentam  
Modificar o que está mal  
Ou modificarem-se a si próprias  
Essas pessoas nunca arriscam...  
Felizmente  
Algumas pessoas  
São capazes de arriscar.  
... E aqui estamos nós.”

Leif Kristihansson

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – Cartaz do programa escola sem partido com os deveres dos professores.....	11
--	----

## LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Resultados da pesquisa.....	16
--	----

## LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ESP	Escola Sem Partido.
MESP	Movimento Escola Sem Partido
PL	Projeto de Lei
PLs	Projetos de Lei

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>10</b>
<b>2</b>	<b>CONTEXTUALIZAÇÃO TEÓRICA .....</b>	<b>11</b>
<b>2.1</b>	<b>Conhecendo a proposta .....</b>	<b>11</b>
<b>2.2</b>	<b>Escola e democracia .....</b>	<b>13</b>
<b>3</b>	<b>METODOLOGIA .....</b>	<b>14</b>
<b>4</b>	<b>RESULTADOS E DISCUSSÕES .....</b>	<b>15</b>
<b>5</b>	<b>REPERCUSSÕES PARA A EDUCAÇÃO FÍSICA.....</b>	<b>22</b>
<b>6</b>	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>23</b>
	<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>24</b>

## **Análise da produção do conhecimento sobre o projeto Escola sem Partido e suas repercussões para a Educação Física**

### **Analysis of the production of knowledge about the School without Party project and its repercussions for Physical Education**

Valesca Daniele de Almeida Santana\*

#### **RESUMO**

O Objetivo geral desse trabalho é analisar a produção do conhecimento sobre o projeto ESP em revistas das áreas da Educação e Educação Física. Caracteriza-se por ser uma pesquisa qualitativa, básica e explicativa. Tenta responder os porquês da proposta ESP, as causas e efeitos que ela pode promover na sociedade, na escola e na Educação Física, aprofundando esse conhecimento baseado na realidade. A partir dos resultados e análises dessa pesquisa, podemos afirmar não ser o MESP um movimento neutro, sem partido, oposto a isso, é um projeto ideológico “bem” estruturado.

**Palavras-chave:** Escola sem partido. Educação Física. Democracia.

#### **ABSTRACT**

The general objective of this work is to analyze the production of knowledge about the ESP project in magazines in the areas of Education and Physical Education. It is characterized by being a qualitative, basic and explanatory research. It tries to answer the reasons for the ESP proposal, the causes and effects that it can promote in society, at school and in Physical Education, deepening this knowledge based on reality. From the results and analyzes of this research, we can say that MESP is not a neutral movement, without a party, opposed to this, it is a “well” structured ideological project.

**Keywords:** School without party. Physical Education. Democracy.

---

\* Graduada em licenciatura em Educação Física pela Universidade Estadual da Paraíba

## 1 INTRODUÇÃO

Nesse artigo, pretende-se analisar as produções acadêmicas sobre o movimento escola sem partido e apontar possíveis repercussões para Educação Física. Para o Coletivo de autores (2012) na sociedade de classes a qual o Brasil está inserido, os movimentos sociais são diferentes e antagônicos. Nesse sentido, é necessário um posicionamento que possa garantir os direitos às classes e grupos menos favorecidos.

Importante localizar que a educação, de acordo com Saviani (2007), tem admitido dois sentidos e teve início com a divisão social do trabalho, quando em consequência disso, duas classes sociais fundamentais se configuraram, a saber, a classe dos proprietários e a dos não proprietários. À primeira coube a educação intelectual e à segunda a educação para o trabalho. Nesse sentido, “a primeira modalidade de educação deu origem a escola. A palavra escola deriva do grego *σχολή* e significa, etimologicamente, o lugar do ócio, tempo livre” (p.155). Percebe-se que os determinantes históricos são imprescindíveis para a análise de quaisquer projetos que possam repercutir nas ações dos entes que constituem esse espaço de formação.

Não obstante, vale salientar que as diversidades culturais, raciais e de classes existente no Brasil, apontam para diferenças fundamentais nos estados da federação. Se pensarmos dessa maneira já é deveras complicado o desenvolvimento de projetos e políticas públicas eficientes que abranjam de maneira interessante as diferentes necessidades da educação brasileira. Contudo, talvez não seja de fato objetivo do governo atender a todos, ou pelo menos aos ensejos da maioria.

Dessa forma, surge a necessidade de avaliarmos o que nos é posto como proposta, a fim de entender e nos posicionar acerca do que foi exposto, no caso desse trabalho a proposta do projeto denominado “escola sem partido (ESP)”. Será essa proposta um modelo viável a ser implantado na educação brasileira? Ela pode dar conta de todas essas diversidades ao mesmo tempo que assegura os direitos constitucionais? Quais os reflexos dessa proposta para Educação Física?

O presente trabalho justifica-se pela necessidade da análise sobre o projeto, materializado na proposta “escola sem partido” em um contexto social que se faz necessária a tomada de posição política a fim de lutar contra disparidades sociais, de classes e que envolvam questões atreladas a gênero, sexualidade e raça; E da necessidade para com os cidadãos da prática de uma democracia real (emancipação humana) e não somente a formal (emancipação política). Sendo assim, compreender melhor essa proposta e identificar os seus “partidos”.

O Objetivo geral desse trabalho é analisar a produção do conhecimento sobre o projeto ESP em revistas das áreas da Educação e Educação Física com coeficiente qualis/Capes A1 e A2, entre os anos de 2015-2020. Quanto aos Objetivos específicos: 1) Identificar as revistas delimitadas para o estudo; 2) Selecionar, através do descritor “escola sem partido” os artigos publicados durante o período definido na pesquisa; 3) Analisar as contribuições dos autores ao tema escola sem partido; e 4) Indicar as possíveis repercussões desse projeto para a Educação Física.

Para isso, organizamos esse trabalho da seguinte maneira: 1) uma contextualização teórica onde caracteriza-se a proposta escola sem partido e também a escola e seu papel democrático; 2) nossas escolhas metodológicas; 3) um

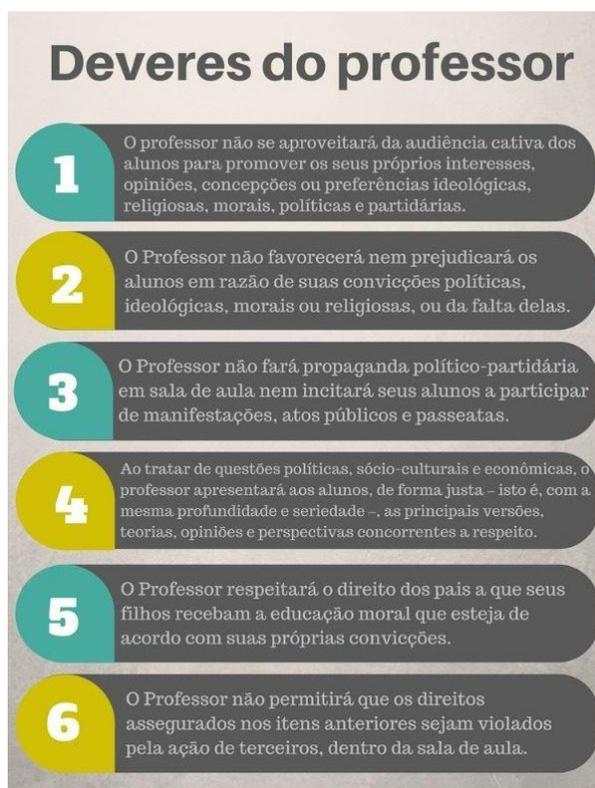
quadro com os resultados da pesquisa e na sequência as sínteses dos artigos encontrados; 4) as repercussões dessa proposta para a educação física; e 5) nossas considerações finais.

## 2 CONTEXTUALIZAÇÃO TEÓRICA

### 2.1 Conhecendo a proposta

O projeto de lei nº 867/2015 “inclui entre as diretrizes e bases nacionais da educação nacional, o “Programa Escola sem Partido”<sup>1</sup>, (programa fundado em 2004 por Miguel Nagib, advogado brasileiro). Que é apresentado pelo site do programa como um “conjunto de medidas que tem por objetivo inibir a prática de doutrinação política e ideológica em sala de aula e a usurpação do direito dos pais dos alunos sobre a educação moral dos seus filhos”<sup>2</sup>. O programa apresenta como principal medida a afixação em todas as salas de aula do ensino fundamental e médio, bem como na sala dos professores um cartaz com os deveres do professor:

Imagem 1. Cartaz para ser afixado com os deveres do professor



Fonte: <https://www.escolasempartido.org/programa-escola-sem-partido/>

<sup>1</sup> <https://www.camara.leg.br/proposicoesWeb/fichadetramitacao?idProposicao=1050668>

<sup>2</sup> Informações no site: <https://www.escolasempartido.org/programa-escola-sem-partido/>

A ideia do movimento surgiu quando a filha de Nagib comentou sobre uma comparação que seu professor de história havia feito entre a vida de São Francisco de Assis e Che Guevera, revoltado, tratou o fato como doutrinação e em seguida procurou outros pais para falar sobre o assunto. Não tendo recebido apoio nem dos pais, nem da escola, decidiu ele mesmo criar algo para resolver os problemas da doutrinação ideológica, e a partir daí surgiu então o movimento escola sem partido (PENNA e SALES, 2017).

O programa, além da afixação desses cartazes, abriu espaço para diferentes pautas de discussões, e que a partir delas é possível começar a perceber o teor desse projeto, como por exemplo a

[...] defesa da família e de um certo arcabouço de valores, com ênfase numa orientação patriarcal e heteronormativa; imposição de uma separação entre assuntos que podem ser abordados na escola e assuntos que só devem ser tratados no espaço privado do lar; desconfiança de instituições e agentes identificadas como promotoras de interesses estatais e governamentais – escolas e professores (IDEM, p.15, 2017).

Esse discurso político ideológico com base conservadora mobilizou parte da sociedade a interessar-se pelo MESP, muitos projetos de leis no âmbito municipal, estadual e nacional foram inspirados em seu anteprojeto (IBDEM, 2017). Levando em consideração os deveres postos aos professores por esse programa, parece claro a posição a qual esses docentes são colocados, como aproveitadores, doutrinadores, abusadores, incitadores, etc. Para o ESP: “A pretexto de transmitir aos alunos uma “visão crítica” da realidade, um exército organizado de militantes travestidos de professores abusa da liberdade de cátedra e se aproveita do segredo das salas de aula para impingir-lhes a sua própria visão de mundo”<sup>3</sup>. Nesse caso, vale apresentar o sentido marxiano do termo “ideologia” que foi o que acabou predominando no campo da filosofia e ciências sociais:

[...] identificado como os processos de representação que procuram, na religião, na política, nas artes, etc, naturalizar as relações sociais, dissimulando os interesses da classe dominante como interesses universais. Daí a noção de ideologia como uma espécie de “cortina de fumaça” que encobre a “verdadeira realidade”, a qual só pode ser desvendada por uma ciência não-ideológica. Essa tarefa é reivindicada pela tradição crítica, a quem cabe interpretar a realidade de uma perspectiva livre de ideologias, logo não “perspectiva”, mas expressão da própria universalidade” (FENSTERSEIFER, p.229. 2008).

É preciso entender o que é considerado doutrinação para os defensores desse projeto, o que para eles, os docentes não devem falar em sala de aula para a partir de aí então compreender melhor a sua “preocupação”. Miguel Nagib em entrevista ao canal O Antagonista<sup>4</sup> critica os professores que afirmam ter um discurso politicamente engajado em sala de aula, bem como referências pedagógicas que ele chama de politicamente enraizadas (cita Paulo Freire e Gramsci), afirma que “o professor não tem liberdade de expressão dentro da sala de aula, ele tem liberdade de ensinar”, ainda diz que o projeto ESP “é um projeto ideológico”.

<sup>3</sup> Disponível em: <https://www.escolasempartido.org/quem-somos/>

<sup>4</sup> Entrevista disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=1x7cE9xXue>

## 2.2 Escola e Democracia

Qual o papel da escola? E dos professores? O que eles devem ensinar? E o que a democracia tem a ver com isso? Perguntas complexas, seguramente respondidas de forma muito distintas a depender do interlocutor.

Concordamos com Saviani (2003) ao afirmar que existem dois grupos com teorias educacionais divergentes. O primeiro grupo diz respeito aos que entendem a educação como equalizadora social, capaz de superar a marginalidade; e o segundo grupo que afirma ser a educação um instrumento de discriminação social, que marginaliza. “Para o primeiro grupo a sociedade é concebida como essencialmente harmoniosa, tendendo a integração dos seus membros. A marginalidade é, pois, um fenômeno acidental[...]”. (p.4) Prontamente, o segundo grupo entende a sociedade marcada pela divisão de classes com interesses distintos, “a marginalidade é entendida como um fenômeno inerente à própria estrutura da sociedade” (p.4).

Corroborando com parte do pensamento do segundo grupo (onde buscam compreender a educação dentro da sua estrutura socioeconômica), e discordando (no que diz respeito a escola como mera instituição reprodutivista), é preciso que a função do professor e da escola seja mais do que transmitir conteúdos, e sim, como disse Freire (2017, p. 100) em seu livro pedagogia da autonomia, uma forma de intervenção no mundo, ou seja, é preciso ser professor

[...] a favor da decência contra o despudor, a favor da liberdade contra o autoritarismo, da autoridade contra a licenciosidade, da democracia contra a ditadura de direita ou de esquerda. [...] a favor da luta constante contra qualquer forma de discriminação, contra a dominação econômica dos indivíduos ou das classes sociais. [...] contra a ordem capitalista vigente que inventou esta aberração: a miséria na fartura.

Sendo assim, apoiando-se nos aspectos concretos da sociedade, as dificuldades reais encontradas na escola, avaliando de forma ampla o processo educacional de modo histórico, crítico, social e político, não é coerente que a escola e os professores tenham um posicionamento neutro em meio a essas desigualdades existentes. E é aí que entra o papel necessariamente democrático da escola.

A democracia é essencial para que as regras do jogo assegurem a igualdade a todos, sem ela, abre-se margem para qualquer sentença, o que vem acontecendo no Brasil. Para assegurar a democracia, a educação precisa resistir e lutar para transformar a situação atual. Atitude indispensável para quem deseja uma escola pública livre de intervenção privada atreladas aos interesses do mercado (SAVIANI, 2017). Entendendo todo esse contexto da educação brasileira, seus limites e desafios, os ataques contra a democracia, existe a necessidade de expor e discutir propostas como o ESP, posto que:

[...] assim como para se endireitar uma vara que se encontra torta não basta colocá-la na posição correta, mas é necessário curvá-la do lado oposto, assim, também, no embate ideológico, não basta enunciar a concepção correta para que os desvios sejam corrigidos; é necessário abalar as certezas, desautorizar o senso comum. E para isso nada melhor do que demonstrar a falsidade daquilo que é tido como obviamente verdadeiro demonstrando ao mesmo tempo a verdade daquilo que é tido como obviamente falso” (SAVIANI, p.60. 2003).

E é afim de abalar essas certezas, demonstrar a falsidade do movimento escola sem partido e discuti-lo para além do senso comum, que essa e outras pesquisas existem.

### 3 METODOLOGIA

Esse estudo surgiu a priori de forma mais simplificada no trabalho intitulado “A importância do entendimento do movimento escola sem partido, suas implicações nas aulas de educação física e uma opção metodológica” no formato de resumo expandido enviado e apresentado no XXI Congresso Brasileiro de Ciências do esporte VII Congresso Internacional de Ciências do Esporte. Nessa pesquisa resolvemos dar continuidade, com foco maior nas produções encontradas e aprofundar as discussões e análises para maior contribuição acerca da temática.

Quanto a sua abordagem, ela caracteriza-se por ser uma pesquisa qualitativa, já que não tem preocupação com números e sim com o teor e qualidade dos dados encontrados, para Prodanov e Freitas a pesquisa qualitativa:

Considera que há uma relação dinâmica entre o mundo real e o sujeito, isto é, um vínculo indissociável entre o mundo objetivo e a subjetividade do sujeito que não pode ser traduzido em números. A interpretação dos fenômenos e a atribuição de significados são básicas no processo de pesquisa qualitativa. Esta não requer o uso de métodos e técnicas estatísticas. O ambiente natural é a fonte direta para coleta de dados e o pesquisador é o instrumento-chave. Tal pesquisa é descritiva. Os pesquisadores tendem a analisar seus dados indutivamente. O processo e seu significado são os focos principais de abordagem (p.70, 2013).

Nesse sentido, como trata os autores, a análise dos dados tem essa característica mais subjetiva em razão da interpretação dos fatos sem atribuir-lhes números e sim descrevendo seu teor gerando significação.

Do ponto de vista da natureza da pesquisa, essa se caracteriza como uma pesquisa básica, visto que, “objetiva gerar conhecimentos novos úteis para o avanço da ciência sem aplicação prática prevista. Envolve verdades e interesses universais.” (PRODANOV e FREITAS, p.51, 2013). Sendo assim, os resultados e reflexões são apontados, mas não é possível mensurar quando efetivamente a problemática será resolvida, sobretudo de questões que envolvem ideologia, política, disputa de poder, etc.

Quanto aos objetivos, se enquadram numa pesquisa explicativa, na medida em que tenta responder os porquês, as causas e efeitos de determinado evento/acontecimento, para Gil esse tipo de pesquisa:

[...] têm como preocupação central identificar os fatores que determinam ou que contribuem para a ocorrência dos fenômenos. Esse é o tipo de pesquisa que mais aprofunda o conhecimento da realidade, porque explica a razão, o porquê das coisas. Por isso mesmo, é o tipo mais complexo e delicado, já que o risco de cometer erros aumenta consideravelmente. Pode-se dizer que o conhecimento científico está assentado nos resultados oferecidos pelos estudos explicativos (p.42, 2002).

Sendo assim, tentar responder os porquês da proposta ESP as causas e efeitos que ela pode promover na sociedade, na escola e na Educação Física, aprofundando esse conhecimento baseado na realidade.

Com relação aos procedimentos do estudo e as suas fontes utilizadas para o mesmo, esse descreve-se por uma pesquisa bibliográfica, posto que, foram pesquisados trabalhos que abordam a temática afim de analisar os seus conteúdos e questões expostas, para Severino:

A pesquisa bibliográfica é aquela que se realiza a partir do registro disponível, decorrente de pesquisas anteriores, em documentos impressos, como livros, artigos, teses etc. Utiliza-se de dados ou de categorias teóricas já trabalhados por outros pesquisadores e devidamente registrados. Os textos tornam-se fontes dos temas a serem pesquisados. O pesquisador trabalha a partir de contribuições dos autores dos estudos analíticos constantes dos textos (p.122, 2007).

A pesquisa bibliográfica foi realizada no recorte temporal entre os anos de 2015 a 2020, visto que, o projeto de lei que inclui o ESP foi apresentado no ano de 2015, a palavra-chave utilizada na busca foi “escola sem partido” e o direcionamento de busca se deu em artigos científicos contidos em revistas e periódicos (da área de educação e Educação Física) que tenha Qualis Capes em educação e educação física<sup>5</sup> A1 e A2, levando em consideração a relevância acadêmica dessa classificação.

Além disso, como método de pesquisa, foi utilizada a dialética como instrumento, afim de identificar contradições e analisar de forma omnilateral os dados encontrados, ou seja:

Nesse tipo de método, para conhecer determinado fenômeno ou objeto, o pesquisador precisa estudá-lo em todos os seus aspectos, suas relações e conexões, sem tratar o conhecimento como algo rígido, já que tudo no mundo está sempre em constante mudança (PRADANOV E FREITAS, p. 35, 2013).

Valendo-se da dialética como método, e com isso, estudando todos os aspectos do objeto, a análise da pesquisa define um *corpus* metodológico específico, sendo esta uma das possibilidades de análise dos artigos em questão.

## 4 RESULTADOS E DISCUSSÕES

Através do nosso recorte temporal e de relevância acadêmica dos trabalhos pesquisados (Qualis A1 e A2), apresentam-se nove artigos acadêmicos, sendo oito deles contextualizando o ESP na educação em geral, e apenas um que trata da relação entre educação física e o referido projeto. As revistas onde os artigos foram encontrados, são: Revista Brasileira de Educação, Revista Currículo sem fronteiras, Revista Educação & Sociedade, Revista Educação & Realidade, Revista Ensaio, Revista Educação temática digital, e Revista Movimento. Para melhor identificá-los foram elencados na tabela abaixo com seus respectivos títulos, autores, revista de publicação, *qualis* capes da revista e o ano de publicação.

Tabela 1. Resultado da pesquisa

---

<sup>5</sup> O Qualis Capes é um sistema que faz a classificação da produção científica dos programas de pós-graduação brasileiros, no que diz respeito aos artigos publicados em diversos periódicos, revistas, anais e livros científicos, englobando todas as áreas do conhecimento. Disponível em: <https://blog.doity.com.br/o-que-e-qualis-capes/>

<b>Título do Artigo</b>	<b>Autores</b>	<b>Revista</b>	<b>Qualis</b>	<b>Ano</b>
1. Escola sem Partido — Elementos totalitários em uma democracia moderna: uma reflexão a partir de Arendt	ALEXANDRE ANSELMO GUILHERME; BRUNO ANTONIO PICOLI	Revista Brasileira de Educação (RBE)	A1	2018
2. O que os professores (não) podem dizer? A experiência canadense e a “Escola sem Partido”	Tatiana Feitosa de Britto	Revista Brasileira de Educação (RBE)	A1	2019
3. O conhecimento escolar em disputa: vozes discentes sobre uma “Escola Sem Partido”	Luís Paulo Cruz Borges	Revista Currículo sem Fronteiras	A1	2017
4. As demandas conservadoras do movimento escola sem partido e a base nacional curricular comum	Elizabeth Macedo	Revista Educação & Sociedade	A1	2017
5. A Rede de Difusão do Movimento Escola Sem Partido no Facebook e Instagram: conservadorismo e reacionarismo na conjuntura brasileira	Ricardo Gonçalves Severo; Suzane da Rocha Vieira Gonçalves; Rodrigo Duque Estrada	Revista Educação & Realidade	A1	2019
6. D. Quixote contra os moinhos: um ensaio sobre o Movimento Escola Sem Partido	Tiago Ribeiro Santos Gicele Maria Cervi	Revista Ensaio	A2	2019
7. “Escola sem Partido” para quem?	Caroline Bastos Capaverde; Bruno de Souza Lessa ; Fernando Dias Lopes	Revista Ensaio	A2	2019
8. Escola sem partido – produção de sentidos e disputas em torno do papel da escola pública no Brasil	Elvis Patrik Katz; Andresa Silva da Costa Mutz	Revista Educação Temática Digital	A1	2017

9. Crítica ao “escola sem partido”: um olhar Pela perspectiva crítico-superadora da Educação física	Guilherme Bardemaker; Bernardi; Carlos Alberto Perdomo Fazenda Junior	Revista Movimento	A2	2018
---	---	-------------------	----	------

Fonte: Elaboração da autora

O primeiro artigo, intitulado de “Escola sem partido – elementos totalitários em uma democracia moderna uma reflexão a partir de Arendt” dos autores Alexandre Anselmo Guilherme e Bruno Antonio Picole, objetiva discutir os projetos de lei que estavam em tramitação na câmara que incluem o ESP e fazer uma reflexão a partir de Arendt, que aborda questões como educação e totalitarismo, negação da pluralidade, papel da escola, etc. Na análise dos autores sobre os PLs, é possível identificar o desejo que a escola se limite a simples instrução e instrumentalização na transmissão de conhecimentos, assim como, retirar a política dos espaços escolares o que diretamente impõe barreiras para o desenvolvimento da humanidade. Os autores enfatizam o perigo de educar sem instruir, pois, “a contraposição entre instruir e educar é obsoleta e enganosa” (p. 4). Nessa mesma linha de pensamento, afirmam:

[...] o discurso da abolição da ideologia está a serviço de uma perspectiva ideológica, antidemocrática e pessoalista. Essas afirmações ratificam a orientação ideológica do processo pedagógico proposto por esses projetos, algo paradoxal, já que defende uma escola sem partido, sem ideologias [...] (p. 4).

Nessa proposta a escola não pode se opor ao pensamento da família, o que é um fator problema, já que esses estudantes se relacionam uns com os outros cuja educação, pensamentos e crenças diferem, o que faz necessário a intervenção da escola, a fim de que essas diversidades sejam entendidas e o respeito seja assegurado. Seguindo esse pensamento de defesa da liberdade, afirmam que:

[...] Do mesmo modo, assumir a tarefa de combater identidades não razoáveis não significa impor uma identidade considerada ideal. Significa, outrossim, estar atento à realidade, que não se limita ao entorno imediato, e não negligenciar a multiplicidade de identidades que coexistem na escola e na sociedade [...] A educação é para o mundo em toda sua complexidade, goste-se disso ou não (p.11).

Conforme exposto, os autores criticam e discordam do ESP pois pensam a proposta como segregadora, que ignora a realidade e a diversidade, e ainda tem o desejo de limitar o processo educativo.

O segundo trabalho de nome: “O que os professores (não) podem dizer? A experiência canadense e a “Escola sem Partido” da autora Tatiana Feitosa de Brito, como já está expresso no título, traz um relato sobre a experiência desse programa no Canadá e a questão da liberdade de expressão dos professores. Primeiro a autora faz uma contextualização do que é o MESP e o que ele defende, em seguida explica como funciona a constituição e a jurisprudência do país. Diz que a expectativa Canadenses é de que os professores espelhem modelos de conduta para os alunos, nesse sentido, existe até uma cobrança sobre a imagem desses docentes dentro e fora da escola já que são eles que tem que transmitir seus

princípios e ideias para as novas gerações. Porém, se o discurso do professor foi divergente da comunidade escolar e dos que moram ali perto, este sofrerá restrições no seu discurso e uma espécie de mecanismo de autocensura, ou seja, o professor não tem liberdade de expressão no ambiente escolar.

A liberdade de expressão no que diz respeito aos professores canadenses e brasileiros não possui a mesma lógica, para o projeto escola sem partido no Brasil, os professores não podem interferir nos pensamentos e crenças que esses alunos trazem de suas casas, já no Canadá os professores são exemplos para os alunos, mas em ambos os casos, podem sofrer censura caso a comunidade escolar (no caso do Canadá) e os pais e alunos (no caso do Brasil) discordem de seu pensamento. A visão de “neutralidade” é presente em ambas realidades, e a autora enfatiza: “Ainda, cabe lembrar que a crítica do movimento Escola sem Partido dirige-se apenas a um lado do espectro ideológico — difusamente definido como a “esquerda” — e deixa de reconhecer os vieses presentes em posições contrárias.” (p. 14). Nesse caso, podemos observar muitas semelhanças, e todas elas longe de serem neutras, são sim ideológicas.

O terceiro artigo dessa pesquisa intitulado “O conhecimento escolar em disputa: vozes discentes sobre uma “Escola Sem Partido””, do autor Luís Paulo Cruz Borges inicia o texto falando sobre as disputas de projetos a serem postos em prática na escola, e tem por objetivo “articular o debate em torno do eixo: currículo, identidade e poder, entendendo a centralidade do conhecimento no jogo político na atualidade.” (p.618). Também descreve do que se trata o ESP e o aponta como um projeto de disputa onde deve ser avaliado nos âmbitos políticos, éticos e morais no mundo de hoje. O mais interessante desse trabalho foi o espaço dado aos discentes para que opinassem sobre o MESP. Os discentes através de textos esboçam suas opiniões, afirmando serem contra o ESP, defendendo a democracia, a educação de qualidade, o senso crítico, a liberdade de opinar e de expressão tanto deles quanto dos professores. Afirmam “não existir essa doutrinação”, que mesmo que os professores livremente expressem suas opiniões, os alunos também possuem seus próprios pensamentos, concordando ou não. Apenas em um dos textos os alunos são a favor do projeto ESP, mas o defendem como algo que possa evitar brigas de cunho religioso e de sexualidade.

O trabalho “As demandas conservadoras do movimento escola sem partido e a base nacional comum curricular” da autora Elizabeth Macedo, tem como foco: “entender as negociações políticas em curso na elaboração da base nacional curricular comum com a entrada em cena de outro agente, qual seja, o movimento que se auto denomina Escola Sem partido” (p. 508). Nesse texto é possível observar a preocupação da autora quanto aos ataques da ESP aos direitos e seu intuito de reduzir a base nacional comum curricular a um conjunto de conteúdos a serem ensinados com o objetivo de fortalecer as demandas neoliberais, sendo o documento contra o viés ideológico de esquerda que sustentaria o documento apresentado à consulta pública, contra a diversidade cultural nos currículos, contra a ideologia de gênero, a fim de definir o que a base deve ou não ter para que a escola possa atender “a todos”, porém, as exclusões referem-se a demandas de sexualidade, gênero e raciais. A autora guia sua argumentação tendo “o compromisso com a defesa de que educação e currículo estão diretamente imbricados com a diferença como tal, assim como das conquistas — poucas ainda — dos diferentes grupos sociais que lutam por representação na esfera pública” (p.510).

Ainda, utiliza-se do texto para falar sobre a elaboração de uma segunda BNCC levando em conta as inúmeras críticas geradas à versão anterior, bem como, de um lado desenvolve a questão das lutas por justiça social, e de outro as demandas neoliberais por *accountability*. Na sequência, a autora traz especificamente o ESP dentro da BNCC e avalia que “as possíveis articulações entre a BNCC aí proposta e as demandas do ESP são preocupantes no momento, e me permito uma digressão sobre o fato de que o conservadorismo que o movimento traz parece ganhar espaço no mundo” (p.517). A criação de um documento ao qual se “adeque” a realidade educacional de um país carrega consigo discussões de como abranger as diferentes e antagônicas ideias em uma mesma base, posto isso, para a autora “a luta possível, a meu ver, é o trabalho incessante para retomar o político ou a diferença constitutiva que se tem tentado erradicar” (p.520).

No artigo seguinte, “A Rede de Difusão do Movimento Escola Sem Partido no Facebook e Instagram: conservadorismo e reacionarismo na conjuntura brasileira”, dos autores Ricardo Gonçalves Severo, Suzane da Rocha Vieira Gonçalves e Rodrigo Duque Estrada, seguem na mesma lógica de afirmar ser o MESP uma perseguição aos partidos de esquerda, bem como caracteriza-se por defender pautas reacionárias. Entendendo a questão da propagação da cultura digital e do que é disseminado através desses meios, os autores buscaram contribuir no debate do ESP analisando os perfis dos apoiadores do projeto, afim de perceber se os mesmos são partidários de ideologias reacionárias.

No facebook, encontraram páginas evangélicas apoiando a proposta, páginas de apoio ao presidente da República Jair Messias Bolsonaro, página de mães conservadoras e no Instagram, perfis que se auto declaram conservadores, cristãos, a favor do armamento e do presidente da república; bem como, ele e seus filhos também apoiadores. Dessa maneira, através da pesquisa, os autores concluem que nas mídias sociais os apoiadores do MESP são de fato indivíduos conservadores, cristãos (evangélicos em sua maioria), e atrelados a partidos de direita com intenção de inviabilizar pautas que tratem da diversidade. Também afirmam a necessidade de resistência dos movimentos existentes contra o ESP com a finalidade de impedir que esse projeto vire lei para que a educação possa continuar e/ou vir a ser plural, democrática e emancipadora.

No artigo “D. Quixote contra os moinhos: um ensaio sobre o Movimento Escola Sem Partido” escrito pelos autores: Tiago Ribeiro Santos e Gicele Maria Cervi, faz um diálogo entre a atualidade e a história de D. Quixote. Eles mostram que essa “preocupação” com os professores e a esfera política na sua prática pedagógica é muito antiga, basta ler um pouco da história desse livro de Machado de Assis para identificar essas questões, como a prática do professor Policarpo seguia na lógica diferente do seu tempo. Para os autores “O que importa saber é, pois, como essa ideia se modela e se mantém operante em um universo simbólico que se impõe como crível, fundamental e necessário, deixando passar despercebido seu caráter predominantemente ideológico [...]” (p.715).

Esse trabalho analisa as questões que são consideradas “sagradas” e “profanas” para esse movimento, entendendo que a intenção do MESP é passar para as pessoas que os pensamentos contrários aos deles são pensamentos “inimigos”. Também afirma que esse movimento sacrifica os professores, bem como, se esforçam para estabelecer separações e oposições dentro da política educacional embasados em modelos antigos com a finalidade de fazer “profana” a imagem do professor.

O texto “Escola sem partido – Produção de sentidos e disputas em torno do papel da escola pública no Brasil” dos autores: Elvis Patrik Katz e Andresa Silva da Costa Mutz, traz como objetivo “o debate acerca do papel da escola pública no Brasil, levando em consideração as disputas discursivas contemporâneas sobre o tema” (p.185). Eles tratam como a escola é vista pela sociedade contemporânea, como ineficiente, incompetente e necessária de reformas. Refletem que essa suposta crise diz respeito a estarmos caminhando em um sentido diferente do que nos prescreviam, já que a imagem da escola pública está sempre atrelada a essa crise descompassada entre a ideia do que deveria ser e a realidade que lhe cabe ser. Além do mais, pode-se ver que existe um direcionamento político no pensamento do projeto, já que:

O paralelo com o neoliberalismo é evidente: o Estado deve interferir o mínimo possível para o progresso; da mesma forma, a escola deve apenas transmitir os conteúdos, sem qualquer compromisso político específico ou agenda social pré-determinada. Os docentes, da mesma forma, devem ser bem distribuídos quanto a suas concepções ideológicas, mas devem obedecer à certa normalidade que não ultrapasse as convicções familiares dos estudantes. Sob o ponto de vista da “crise” da escola de hoje, o ESP acaba reforçando a importância da instituição na medida em que luta tão intensamente por ela; uma evidência, portanto, do caráter ambivalente que marca a escola contemporânea (p.19)

Os autores trazem a história do MESP, analisando o discurso encontrado na proposta, no site do projeto, e nesse contexto o movimento reafirma essa ideia de crise escolar e coloca suas ideias neoliberalistas no intuito da diminuição do papel do estado na influência dessa educação, o que gera barreiras para a escola e o professor.

O penúltimo trabalho analisado tem como título “Escola sem partido para quem?” Dos autores Caroline Bastos Capaverde, Bruno de Souza Lessa e Fernando Dias Lopes. O ensaio é dividido em alguns tópicos onde abordam questões como “burocracia e ideologia” (tomando como referência principal o sociólogo Maurício Tragtenberg, que trata da temática da ideologia nas organizações e afirma serem essas reflexos dos interesses de classe dominante), “a escola como instrumento de produção e reprodução de uma ordem social” (onde a principal referência é Pierre Bourdieu e Jean-Claude Passeron, autores que usam o termo “violência simbólica” para as imposições da cultura dominante sob os indivíduos), e “e então, é possível uma escola sem partido?” (tópico onde mencionam “os paradoxos, ambiguidades e dicotomias” (p.11) encontrados no PL e questionam a possibilidade de uma neutralidade na escola). Os mesmos questionam se é possível essa neutralidade em qualquer instituição, e sobretudo na escola (se tudo que ocorre nela é política). E tratam o projeto de ESP como:

[...] um retrocesso preocupante a nossa sociedade, além de ser uma ameaça a independência professoral, já que em tese os professores não podem expressar suas opiniões morais, políticas, ideológicas e partidárias nesse ambiente. Para os autores a ESP Nesse sentido, não só entendemos que não é possível uma escola sem partido, como também concluímos que este Projeto de Lei apresenta um cunho partidário, expõe um doutrinamento, que é embasado na ideologia dos partidos dominantes (burgueses). Ideologia esta que compreende a sociedade como uma estrutura centrada no mercado. De todo modo, se aprovado, a nosso ver, o “Escola sem Partido” prestará um enorme desserviço à Educação brasileira (p.16)

Aqui faremos uma relação do último artigo analisado, que se chama “Crítica ao “escola sem partido”: um olhar pela perspectiva crítico-superadora da educação física” dos autores Guilherme Bardemaker Bernardi e Carlos Alberto Perdomo Fazenda Junior. Esse artigo em especial nos direciona para o que objetiva especificamente esse trabalho, a utilização da abordagem crítico-superadora em contraposição/resistência ao ESP. Os autores iniciam o texto contextualizando o ESP e seu surgimento, perpassando em todos os aspectos que foram citados nos demais artigos, e entrando no debate de qual o papel da Educação Física na escola, principalmente na perspectiva que se propõe a discutir criticamente a cultura corporal (se opondo ao que propõe o ESP).

A Abordagem crítico-superadora, propagada através do livro “Metodologia do Ensino da Educação Física” (1992) foi escrito por um Coletivo de Autores – Carmem Lúcia Soares, Celi Nelza Zülke Taffarel, Elizabeth Varjal, Lino Castellani Filho, Micheli Ortega Escobar e Valter Bracht . Segundo os autores, o livro foi escrito e pensado para o professor de uma escola concreta, ou seja, um professor que estava submetido “às limitações materiais na escola, pelos baixos salários, pela desvalorização de sua profissão e do seu trabalho, mas sempre esperançoso em transformar sua prática, sedento do saber, inquieto” (COLETIVO DE AUTORES, 1992, p. 19). O livro também nos aponta como o conhecimento é tratado nessa perspectiva:

O conhecimento é tratado metodologicamente de forma a favorecer a compreensão dos princípios da lógica dialética materialista: totalidade, movimento, mudança qualitativa e contradição. É organizado de modo a ser compreendido como provisório, produzido historicamente e de forma espiralada vai ampliando a referência do pensamento do aluno através dos ciclos referidos (IDEM, p. 41).

No dado artigo, os autores mencionam vários aspectos dessa abordagem que a fazem coerente para o contexto atual brasileiro, como o discurso de justiça social, a utilização do materialismo histórico dialético como método para análise da realidade, a compreensão mais ampla da sociedade, a historicidade dos conteúdos a serem tratados. Portanto, as produções apresentadas coadunam para o entendimento que a proposta da escola sem partido não é apresentada de maneira flutuante ou desinteressada, mas atende as prerrogativas de uma determinada visão da sociedade.

Por meio dos resultados e análises dessa pesquisa, vale ressaltar o fato de não termos encontrado nenhum trabalho científico dentro da nossa categorização de busca abordando o movimento escola sem partido de forma positiva. Mas sim, ao contrário disso, reafirmando o que foi posto desde a introdução desse trabalho, que essa proposta possui sim seus partidos e sua ideologia. Por mais que os estudos aqui encontrados tenham contextualizado o ESP em diferentes assuntos e meios, os autores conversam entre si e concordam a respeito da matriz desse projeto.

É notório, a partir das análises dos achados da pesquisa que há uma indicação à ideologia de direita, conservadora, religiosa, heteronormativa, que busca abafar os discursos de professores que se alinham ao campo político progressista, implicando, dessa forma, no esvaziamento daquilo que o ESP defende, qual seja, a pretensa ideia de uma neutralidade ideológica.

Quanto à educação física, nossa pesquisa identificou um artigo que reafirmou os problemas internos da proposta do projeto ESP e ratificou que um projeto como esse repercuti de forma negativa na prática pedagógica do professor de educação física, sobretudo esse componente que trabalha diretamente com os corpos desses

alunos, suas diversidades e possibilidades. A história e cultura que envolvem diretamente todos os conteúdos que precisam ser trabalhados e automaticamente também as repercussões sociais, midiáticas e políticas que os envolve.

## 5 REPERCUSSÕES PARA EDUCAÇÃO FÍSICA

Ao tratar dos conteúdos da cultura corporal, o trabalho do professor de Educação Física não deve se resumir a melhorar o repertório motor, as técnicas e táticas dos estudantes, mas priorizar a função social da Educação Física na escola. Dessa forma:

É preciso que cada educador tenha bem claro: qual o projeto de sociedade e de homem que persegue? Quais os interesses de classe que defende? Quais os valores, a ética e a moral que elege para consolidar através de sua prática? Como articula suas aulas com esse projeto maior de homem e sociedade? (COLETIVO DE AUTORES, 2012).

Na perspectiva pedagógica crítico-superadora, é defendida uma concepção de currículo ampliado, entendendo-o como o projeto de escolarização do homem, onde esse se apropria do conhecimento científico, confronta com o seu saber do cotidiano, sua ideologia, suas relações sociais. A visão de totalidade do aluno se dá quando ele faz síntese no seu pensamento através dos subsídios científicos que explicam a realidade, isso faz com que o estudante ultrapasse o senso comum e construam formas mais complexas de pensamento (IDEM, 2012).

Não é possível proporcionar essa visão de totalidade aos alunos se existem assuntos aos quais os professores não podem tratar em suas aulas, se esses assuntos especificamente abordam questões que a lógica formal não daria conta, logo:

Diferentemente, a dinâmica curricular na perspectiva dialética favorece a formação do sujeito histórico à medida que lhe permite construir, por aproximações sucessivas, novas e diferentes referências sobre o real no seu pensamento. Permiti-lhe, portanto, compreender como o conhecimento foi produzido historicamente pela humanidade e o seu papel na história dessa produção (IBDEM, p.35, 2012).

Como seria viável trabalhar numa perspectiva dialética materialista, onde envolve os conceitos de totalidade, movimento, mudança qualitativa e contradição, se um movimento como o MESP limita o trato do professor com os assuntos? Como o professor não pode se envolver na “educação dos pais” se essa educação for preconceituosa e gerar problemas com os outros colegas? Como pode no seu papel de formador, o professor de Educação Física não tratar, por exemplo, de questões gênero no conteúdo dança que é tão hostilizado pelo sexo masculino, não contextualizar historicamente o futebol e a exclusão das mulheres nessa prática? Não falar de outras religiões quando existem brincadeiras e danças que surgiram dentro dessa religiosidade? Teríamos aqui infinitos exemplos para dizer que na verdade é possível, mas não é coerente, não é justo, nem suficiente trabalhar a Educação Física com mordidas do conservadorismo.

Além disso, os temas da cultura corporal abordados na escola conversam entre as intenções/objetivos do homem e intenções/objetivos da sociedade. Pensar isso inclui as relações mútuas entre os conteúdos da Educação Física “e os grandes problemas sociopolíticos atuais, como ecologia, papéis sexuais, saúde pública, relações sociais de trabalho, preconceitos sociais, raciais...” (p.62) Refletir sobre

essas questões é indispensável para possibilitar aos alunos o entendimento da realidade social e de seus interesses enquanto classe, ou seja, é preciso haver apreensão da prática social. Ainda para o Coletivo de Autores:

Tratar dos grandes problemas sociopolíticos atuais não significa um ato de doutrinação. Não é isso que estamos propondo. Defendemos para a escola uma proposta clara de conteúdos do ponto de vista da classe trabalhadora, conteúdo esse que viabilize a leitura da realidade estabelecendo laços concretos com projetos políticos de mudanças sociais (p.63, 2012).

Se as aulas de Educação Física seguirem essa lógica restrita, sem a liberdade de expressão dos professores e com objetivo apenas do treinamento de habilidades físicas ou do lazer por lazer, ela seria colocada no início da sua história, carregada com sua bagagem biológica, militarista, e eugenista por exemplo. Todos esses aspectos já foram ou deveriam ter sido superados há muitos anos, não existe mais nenhum sentido em restringir nossa prática educativa, senão para manter o status quo da classe dominante, e sem dúvidas esse não é nosso objetivo.

## **6 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Ao longo desse trabalho, tentamos abordar questões vinculadas a escola e o seu viés político, essa instituição como meio de promover cidadania, espaço necessariamente democrático e com obrigação de abraçar as diversidades presentes nele e na sociedade. Quando surge o MESP, surge também a preocupação que esse tipo de proposta/programa venha a desestruturar os avanços conquistados com muita dificuldade e resistência ao longo dos anos. Por isso, a necessidade de pesquisar as produções do conhecimento acerca dessa proposta e entender de fato do que se trata e o que esses autores poderiam contribuir nesse sentido. Além claro, do que um PL ou uma proposta como essa pode representar na Educação Física (área de destaque aqui).

A partir dos resultados e análises dessa pesquisa, podemos afirmar, como previsto, não ser o MESP um movimento neutro, sem partido, oposto a isso, é um projeto ideológico “bem” estruturado. Como citam os diferentes trabalhos encontrados, podemos caracterizar a proposta como totalitarista, que nega a pluralidade, que extingue a liberdade de expressão dos professores, que tem sua matriz no neoliberalismo, onde deseja que não haja intervenção do estado, que limita o que pode ser discutido em sala de aula, que é antidemocrático e pessoalista, além de vários outros aspectos ligados ao conservadorismo e a ideologia dominante de direita. Sendo assim, fica claro que um movimento como esse pode causar vários problemas na democratização do ensino e na prática pedagógica dos professores a qual tentam limitar e amordaçar.

Inserindo a Educação Física nesse cenário a lógica não é diferente, não é possível pensar e pôr em prática uma Educação Física, a fim de formar alunos emancipados, críticos à realidade e conscientes da sua posição social se o professor não tem liberdade de expressão, se ele não pode discutir as diversidades culturais, raciais e de gênero em sala de aula, se ele não pode se posicionar politicamente contra as contradições e injustiças impostas pelo sistema capitalista. Ser a favor do movimento escola sem partido, dos projetos de lei que o incluem e de todo o pensamento que gira em torno dele é ser a favor do retrocesso, da mordida e da intolerância. Esperamos que o trabalho tenha colaborado para o melhor

entendimento dessa proposta e que a Educação Física possa sempre estar inserida no contexto educacional com parte integrante, hoje criticando e resistindo ao movimento escola sem partido, amanhã sobre qualquer outro projeto com essa ou outra vertente que tente mascarar intenções absurdas e desiguais como essa.

## REFERÊNCIAS

BERNARDI, G.B; JUNIOR, C.A.P.F. **Crítica ao “escola sem partido”**: um olhar **Pela perspectiva crítico-superadora da Educação Física**. Revista Movimento. Porto Alegre, v. 24, n. 3, p. 1029-1040, jul./set. de 2018.

BOURDIEU, P. ; PASSERON, J.C. **A reprodução: elementos para uma teoria do sistema de ensino**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1970.

BORGES, Luís Paulo Cruz. **O conhecimento escolar em disputa: vozes discentes sobre uma “Escola Sem Partido”**. Revista Currículo sem Fronteiras. v. 17, n. 3, p. 617-632, set./dez. 2017.

BRITTO, Tatiana Feitosa. **O que os professores (não) podem dizer? A experiência canadense e a “Escola sem Partido”**. Revista Brasileira de Educação. v. 24. 2019.

CAPAVERDE, C.B; LESSA, B.S; LOPES, F.D. **Escola sem Partido” para quem?**. Revista Ensaio. Rio de Janeiro, v.27, n.102, p. 204-222, jan./mar. 2019.

COLETIVO DE AUTORES. **Metodologia do Ensino de Educação Física**. 2.ed. São Paulo: Cortez, 2012.

DUCKUR, L.C.B. **Em busca da formação de indivíduos autônomos nas aulas de Educação Física**. Campinas: Autores Associados, 2004.

Entrevista| Miguel Nagib, fundador do escola sem partido (íntegra). Publicado no canal: O Antagonista. Disponível em:

<https://www.youtube.com/watch?v=1x7cE9xXue0>

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia**. 55.ed. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2017.

FENSTERSEIFER, Paulo Evaldo. GOZÁLES, Fernando Jaime (Org.). **Dicionário crítico de Educação Física**. Ijuí, 2º ed.rev.Ed.Unijuí,2008.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4.ed. São Paulo: Atlas,2002.

GUILHERME, Alexandre Anselmo; PICOLI, Bruno Antonio. **Escola sem Partido- Elementos totalitários em uma democracia moderna: uma reflexão a partir de Arendt**. Revista Brasileira de Educação. v. 23. 2018.

KATZ, Elvis Patrik; MUTZ, Andresa Silva da Costa. **Escola sem partido – produção de sentido e disputa em torno do papel da escola pública no Brasil**. Revista Educação Temática Digital. Campinas, SP v.19 n.esp p. 184-205 jan./mar. 2017

MACEDO, Elizabeth. **As demandas conservadoras do movimento escola sem partido e a base nacional curricular comum**. Revista Educação e Sociedade. Campinas, v. 38, nº. 139, p.507-524, abr.-jun., 2017.

PENNA, Fernando de Araujo; SALES, Diogo da Costa; **A dupla certidão de nascimento do escola sem partido: analisando as referências intelectuais de uma retórica reacionária**. In: MUNIZ, Altemar da Costa; LEAL, Tito Barros. (org.) Arquivos, documentos e ensino da história: desafios contemporâneos. Fortaleza: EdUECE, 2017.

PRODANOV, C.C.; FREITAS. E.C. **Metodologia do trabalho científico: métodos e técnicas da Pesquisa e do trabalho acadêmico**. 2.ed. Novo Hamburgo: Freevale, 2013. E-book.

Programa escola sem partido. Escola sem partido, 2019. Disponível em:  
<https://www.escolasempartido.org/programa-escola-sem-partido/>

Projeto de Lei nº 867/2015. Disponível em:  
<https://www.camara.leg.br/proposicoesWeb/fichadetramitacao?idProposicao=1050668>

SANTANA, V.D.A; MACIEIRA, J.A; SANTANA D.B. **A importância do entendimento do movimento escola sem partido, suas implicações nas aulas de Educação Física e uma opção metodológica**. In: XXI Congresso Brasileiro de Ciências do esporte VII Congresso Internacional de Ciências do Esporte, 2019, Natal – RN. Disponível em:  
<http://congressos.cbce.org.br/index.php/conbrace2019/8conice/paper/viewFile/13367/7313>

SANTOS, Tiago Ribeiro; CERVI, Gicele Maria. **D.Quixote contra os moinhos: um ensaio sobre o Movimento Escola Sem Partido**. Revista Ensaio, Rio de Janeiro, v.27, n.105, p. 712-731, out./dez. 2019.

SAVIANI, Dermeval. **Democracia, educação e emancipação humana: desafios no atual momento brasileiro**. Psicologia Escolar e Educacional, São Paulo, v.21, n.3, p.653-662, Set./Dez., 2017.

\_\_\_\_\_. **Escola e Democracia**. 36.ed. Campinas: Autores Associados, 2003.

\_\_\_\_\_. **Trabalho e educação: fundamentos ontológicos e históricos**. Revista Brasileira de Educação. v. 12, n. 34, jun/abr. 2007.

SEVERINO, Antônio Joaquim. **Metodologia do trabalho científico**. 23.ed. São Paulo: Cortez, 2007.

SEVERO, R.G; GONÇALVES, S.R.V; ESTRADA. R.D. **A Rede de Difusão do Movimento Escola Sem Partido no Facebook e Instagram:conservadorismo e reacionarismo na conjuntura brasileira.** Revista Educação e Realidade. Porto Alegre, v. 44, n. 3, 2019.

TRAGTENBERG, M. **Burocracia e ideologia.** São Paulo: UNESP, 2006.

## AGRADECIMENTOS

À Elaine Melo, coordenadora do curso de Especialização, por seu empenho.

À Jeimison Macieira, meu querido amigo e orientador por todos os incentivos, empurrões, conselhos, ensinamentos ao longo dessa orientação e de toda minha caminhada acadêmica, sem você eu não seria quem eu sou.

Ao meu pai Daniel Santana, e a minha mãe Valquiria Santana, por nunca deixarem que nada me falte, por entenderem e me apoiarem sempre na minha caminhada, por me amarem incondicionalmente.

Aos professores do Curso de Especialização da UEPB, por todos os conhecimentos transmitidos, por todas as trocas e diversões vividas nos módulos.

Aos colegas de classe pelos momentos de amizade e apoio, nossa turma foi muito especial nesse processo.

Ao meu querido amigo Daniel Batista Santana, parceiro, incentivador, sempre disponível para me ajudar.

As minhas amigas Karina e Renata, juntas formamos o melhor trio da UEPB.

Ao meu grupo de estudos lepelpb Campina Grande por tudo que construímos em coletividade. Foi e continua sendo divisor de águas na minha formação.